

Pequena viagem musical pelas transversais do tempo*

A short musical journey through the crossroads of time

O tempo, longe de se constituir em uma unidade homogênea, é atravessado, de ponta a ponta, por contradições que, dialeticamente, evidenciam a convivência dos contrários. Alguns dos nossos maiores cancionistas, íntimos das palavras, se deram conta disso em diferentes situações. Chico Buarque, por exemplo, envereda pelas transversais do tempo especialmente no CD *Chico*¹, de 2011, em mais de uma canção em que se insinua um toque autobiográfico próprio de quem reflete sobre a aproximação célere da casa dos 70 anos.

No cativante *blues* “Essa pequena”², a ampulheta do tempo dispara reflexões sobre as diferenças comportamentais e as diversas sensações alimentadas por um homem de idade já avançada e por uma mulher que transpira juventude por todos os poros: “meu cabelo é cinza/ o dela é cor de abóbora/ [...] feito avarento conto os meus minutos/ cada segundo que se esvai/ cuidando dela que anda noutro mundo”/ ela que esbanja suas horas ao vento, aí”.

Vibrando noutra frequência, Gilberto Gil, na contagiante “Parabolicamará”³, remete às antinomias da convivência simultânea do avanço tecnológico e da tradição, por alusão a camará (expressão incorporada aos cânticos de capoeira). Nela, ancorados no casamento de instrumentos de distintas idades, como o berimbau e a guitarra elétrica, ganham corpo a aceleração do tempo e o tempo lento da tradição: “De jangada leva uma eternidade/ de saveiro leva uma encarnação/ [...] pela onda luminosa leva o tempo de um raio/ tempo que levava Rosa/ pra arrumar o balaio/ quando sentia que o balaio ia escorregar/ [...] de jangada leva uma eternidade/ de saveiro leva uma encarnação/ de avião o tempo de uma saudade”.

Afinado, como se fazia antigamente, por tal diapasão, este dossiê é uma agulha que costura linhas do tempo contraditórias. Na sua abertura, Juan Pablo González reprocessa as metamorfoses da tradicional canção espanhola sob o impacto do cosmopolitismo, que se acentuou nos anos 1960, explorando os meandros do trabalho com música popular e as vicissitudes com as quais se defronta o pesquisador antenado com a complexidade do seu ofício. Na sequência, Adalberto Paranhos enfatiza que a era do samba-canção, no Brasil (décadas de 1940 e 1950) foi marcada, concomitantemente, pela irradiação, por estas terras, do *jazz* e do *bolero*, o que desfechou virulento combate por parte dos

* Aproprio-me, aqui, do título e de parte de um verso de Aldir Blanc em “Transversal do tempo” (João Bosco e Aldir Blanc), João Bosco. *Galos de briga*. LP RCA Victor, 1976.

¹ *Chico*. Chico Buarque. CD Biscoito Fino, 2011.

² “Essa pequena” (Chico Buarque), Chico Buarque. *Chico*, op. cit.

³ “Parabolicamará” (Gilberto Gil), Gilberto Gil. *Parabolicamará*. CD WEA, 1991.

defensores do nacionalismo musical, cuja reação funcionou como a antessala de sua sentença de condenação à Bossa Nova.

Os três artigos seguintes se instalam nos anos 1970, que se revelam arredios a enquadramentos generalizantes. Tempo múltiplo, eles explodem em diferenças e contradições. Bruno Duarte Reis examina, com lente de lupa, o envolvimento de Elis Regina (além de muitos outros artistas) com a Olimpíada do Exército de 1972 e os festejos comemorativos do Sesquicentenário da Independência, logo ela que se alçou à condição de intérprete-mor da canção “O bêbado e a equilibrista”⁴, convertida em “hino de anistia” numa época em que a ditadura militar instaurada em 1964 ainda teimava em conservar-se viva. Edécio Mostaço, por sua vez, realiza um perspicaz escrutínio do LP *Ney Matogrosso: Água do céu – Pássaro*⁵ e do *show* subsequente. Em ambos o tempo multifacetado se fez sentir de cabo a rabo. A incorporação da *performance art* e da inventividade da sonoridade, da cenografia e da indumentária, tudo estava presente em meio à ambiência do espetáculo que transbordava em homoerotismo e em desbunde quando a contracultura também se manifestava com todo viço e vigor.

Por fim, disponibilizamos, pela primeira vez, em versão digital, um requisitado texto de nosso conselheiro José Roberto Zan, anteriormente publicado na *ArtCultura*.⁶ De novo, embaralham-se nele as linhas cruzadas do tempo. Num momento de hibridização entre demandas de parcelas da juventude e do *marketing* fonográfico, a Banda Black Rio cozinhava no seu caldeirão sonoro ingredientes do samba, do *funk*, da *soul music* e do *jazz*, temperando-os, de quebra, com elementos das orquestras de gafieira.

Em tempo: este dossiê é dedicado a Gilberto Gil, um mestre na arte da mistura, que, do alto dos seus 83 anos – ora em sua última turnê, “Tempo Rei”, que vem arrastando a estádios centenas de milhares de pessoas –, prossegue como senhor dos palcos: “subo neste palco/ minha alma cheira a talco/ como bumbum de bebê”.⁷

Adalberto Paranhos
Organizador do dossiê

⁴ “O bêbado e a equilibrista” (João Bosco e Aldir Blanc), Elis Regina. *Essa mulher*. LP Warner, 1979.

⁵ *Ney Matogrosso: Água do céu – Pássaro*. Ney Matogrosso. LP Continental, 1975.

⁶ ZAN, José Roberto. *Funk, soul e jazz na terra do samba: a sonoridade da Banda Black Rio*. *ArtCultura*, v. 7, n. 11, Uberlândia, jul.-dez. 2005.

⁷ “Palco” (Gilberto Gil), Gilberto Gil. *Luar*. LP Warner, 1981.